

Estocolmo , 26-3-1975.
Copenhague , 31-3-75.

Caro Mário, como estás?

Desde o dia 7 de fevereiro que me encontro na Europa, tendo visitado primeiro Lisboa, depois Madrid, Paris, Londres, Amsterdam. Estas duas últimas cidades eu ainda não as conhecia, assim como a Escandinávia. Gosto de Paris e Londres e, embora seja Amsterdam uma cidade muito simpática e agradável do ponto de vista humano e urbano, torna-se desagradável nesta época por causa do frio intenso, úmido, penetrante. Fui também a Delft e me senti à vontade (coisa estranha, era como se eu já tivesse vivido ali, tudo me era esquisitamente familiar- será que já fui holandes?) uma dessas coisas difíceis de explicar racionalmente, mas fáceis de sentir visceralmente.

Aqui em Estocolmo me encontro há uma semana - precisamente. Não estou entusiasmado com esta cidade. Há muito mito em torno da Suécia. Muita gente drogada e embriagada nas ruas e nos metrô. Faz frio mas é seco. Quando cheguei estava a 7 graus abaixo de zero. Agora melhorou. Mas não devo demorar aqui, daqui a uns cinco dias ~~sa~~ parto para Copenhague. Depois será Bruxelas, Ostende, Paris de novo (onde vou demorar mais), Milão, Genebra, de novo Paris e Londres, de onde embarco diretamente para o Recife. Cortei muitas cidades do itinerário, pois começo a me cansar de tanta mudança, carregar maletas, procurar hotel, problema de comunicação (não falo inglês, só um pouco de francês, italiano, espanhol). Estava eu ontem na Rádio Suécia dando uma entrevista quando soube do assassinato do Rei Façal. Chego a pensar que aquilo ali no Oriente Próximo não tem jeito não. Tudo indica que uma guerra está para eclodir a qualquer momento. Há, é claro, interesses por trás dos bastidores, movendo os cordelinhos para um conflito que pode, inclusive, sair um tiro pela culatra. Li aqui que o Ernesto Wolff morreu em desastre de avião. Mundo estranho este. Tudo tão frágil, tão frágil

Em Paris me encantei com os trabalhos de Monet, As Ninféias, que estão no Pavilhão de Orangerie. Genial, não sei como é que em 1964 eu deixei de ver aquela magnífica, impressionante obra precursora do abstracionismo lírico.

Em relação à arte contemporânea o que mais me impressionou foi o Museu Municipal, em Amsterdam. O melhor que já vi até agora aqui na Europa. O Museu Van Gogh também gostei pois é lá que estão as melhores obras do Vicente. Em Londres senti um certo cansaço por parte dos artistas mais jovens, vi muita coisa já feita, obras de repetição. Predomina a abstração, curiosamente. Visitei o Candem Center e o

Com um abraço de *Montez Magno*

Royal College e nenhum dos dois me convenceu. No entanto, honestamente, posso dizer que possivelmente não vi o melhor. Não cheguei a ver nada de John Hoylland nem de David Medal-la, artistas que admiro. Mas haverá tempo para isto. Vi, no entanto, na Tate Gallery, uma sala só com trabalhos do Mark Rotkho, que muito me impressionou, pois por exigência do mesmo a sala deve ficar em constante penumbra. O efeito é de tranquilidade à princípio mas, depois, comecei a sentir uma certa inquietação, uma espécie de lamento surdo, e pude compreender melhor, com a experiência, o mundo subjetivo, interno, do Mark Rotkho. No fundo devia ser um homem desesperado, apesar de toda a calma aparente. Seu suicídio (bastante significativo, por ter cortado os pulsos) deve ter sido uma rejeição não só de si mesmo como também do mundo agônico em que vivemos.

Não sei porque acho que Estocolmo é uma cidade privinciana, apesar de todo o seu desenvolvimento e status quo social. Tudo muito padronizado também.

Caso você queira me escrever pode fazê-lo para a Casa do Brasil, 7 (L) Boulevard Jourdan, Paris 14 em- 75690, onde deverei estar daqui há uma semana. Quem é que você conhece em Paris, Londres e Milão, que eu possa procurar? A Ana ainda está em Paris?